



Vivência do desassossego em Fernando Pessoa e a experiência do desamparo na Psicanálise: uma aproximação

*Vivencia del desasosiego en Fernando Pessoa
y la experiencia del desamparo en el Psicoanálisis: una aproximación*

Gleidson Jackson NERY¹

Tereza Maria DUBEUX²

Joaquim Cesário de MELLO³

Resumo: O presente trabalho tem como propósito levantar a hipótese de que a vivência inquietante e permanente do desassossego em Fernando Pessoa pode ser compreendida como efeito da experiência do desamparo, entendido segundo a conceituação que dele fez Sigmund Freud. O Poeta, ao perder ainda na infância “o pai”, a “velha casa” e o “amor de sua mãe”, quando esta se casou pela segunda vez, sentiu-se “existencialmente desamparado”. Tal estado, quem sabe, possibilitou ao Poeta criar, inconscientemente, uma ficção que o levou para fora de si, projetando-se nos vários personagens que compuseram a sua obra literária. Com este artifício de multiplicar-se, Fernando Pessoa tentou dar conta de uma unidade: ele-mesmo. Porque, ao viver esta experiência nos eventos de perdas na infância e que lhe davam a impressão de que era um ser dividido, deu-se conta do seu “estado de desamparo”, revelando-nos, através do recurso literário, a dimensão relativa à falta estruturante e irrepresentável da sua vida. Desta maneira, criou uma saída para tentar elaborar o seu desamparo, nomeando-o posteriormente, em sua obra literária, de desassossego.

Palavras-chave: Desamparo. Desassossego. Falta. Recurso literário.

Resumen: El presente trabajo tiene como propósito levantar la hipótesis de que la vivencia inquietante y permanente del desasosiego en Fernando Pessoa puede ser comprendida como un posible efecto de su experiencia de desamparo, entendido según la conceptualización freudiana. El Poeta, al perder en la infancia “el padre”, “la vieja casa” y el “amor de su madre”, cuando esta se casó por la segunda vez, se sintió “existencialmente desamparado”. Tal estado de desamparo, tal vez impulsiónó al Poeta a crear, inconscientemente, una ficción que lo llevó para fuera de sí, proyectándose en los varios personajes que compusieron su obra literaria. Con este artificio de multiplicarse, Fernando Pessoa intentó dar cuenta de una unidad: él mismo. Así, al vivir esta experiencia de abandono y desamparo en los eventos de pérdida en su niñez que le daban la impresión de que era un ser dividido, se dio cuenta de su “estado de desamparo”, revelándonos, a través del recurso literario, la dimensión relativa a la falta estruturante e irrepresentable de su vida. De esta manera, se puede afirmar que el Poeta creó una salida para intentar elaborar su desamparo, nombrándolo posteriormente, en su obra literaria, de desasosiego.

Palabras clave: Desamparo. Desasosiego. Falta. Recurso literario.

¹Graduando em Psicologia pela Faculdade Frassinetti do Recife | FAFIRE. | E-mail: jacksonnery@outlook.com

²Mestra em Psicologia Clínica, Professora da Faculdade Frassinetti do Recife | FAFIRE. E-mail: terezadubeux@gmail.com

³Mestre em Psicologia Social e da Personalidade, Professor da Faculdade Frassinetti do Recife | FAFIRE
E-mail: joaquimcesario@ig.com.br

Introdução

Tentando realizar algumas aproximações entre a experiência do desamparo na psicanálise freudiana e a “íntima e tênue realidade” relatada na produção literária do *Livro do Desassossego*, de Fernando Pessoa, assumimos como proposição fundamental a compreensão de Antunes (2015, p. 33), que nos diz, no texto intitulado *Desamparo e complexo da grande mãe, em Fernando Pessoa*, que o poeta, ao sofrer na sua infância com a morte do pai, o abandono da “velha casa” – depois que se mudou com a família para a África do Sul – e, especialmente, com o segundo casamento da mãe, perdeu para sempre a sua condição de menino, perdeu a possibilidade de ter um “regaço” (abrigo) maternal; ficou desamparado; “existencialmente desamparado”. Desamparo este que tentará, em parte, compensar com a produção da sua obra literária.

Sendo assim, tomamos como fundamento para a hipótese aproximativa desta pesquisa alguns fragmentos do *Livro do Desassossego* (L. do D., como a ele se referiu Fernando Pessoa)⁴, onde o poeta expressou nas entrelinhas o sentimento de desamparo, ou como foi dito anteriormente por Antunes (2015), a condição humana de estar existencialmente desamparado. As experiências expressas em alguns fragmentos da “confissão” de Bernardo Soares, o sentimento de desassossego presente nesta obra, parecem se aproximar intimamente da experiência do estado de desamparo, de acordo com a conceituação psicanalítica do mesmo.

O desamparo, na conceituação do *vocabulário de psicanálise* de Laplanche e Pontalis (1985, p. 157), “torna-se o protótipo da situação traumática geradora de angústia”. É um sentimento correlativo da total dependência da criança com a mãe, pois é esta que proporciona a primeira “experiência de satisfação” e protege o lactante das tensões internas e dos perigos externos do mundo. Este estado de dependência dá a ideia de onipotência à figura que exercerá a “função materna” e isto influencia diretamente na estruturação do psiquismo do recém-nascido que se volta diretamente para a relação com outrem.

Fernando Pessoa retrata incessantemente nesta “inacabada e inacabável” obra o sentimento de se encontrar submerso no estado de desamparo, como referido pela psicanálise. No fragmento 199, Pessoa retrata essa experiência que ele nomeou em sua obra de desassossego:

A doçura de não ter família nem companhia, esse suave gosto como o do exílio, em que sentimos o orgulho do desterro esbater-nos em volúpia incerta a vaga inquietação de estar longe – tudo isso eu gozo a meu modo, indiferentemente (L. do D., p. 209).

E ainda, no fragmento 30 desta obra, ao se referir à figura da mãe, que o deixou “órfão” quando se casou pela segunda vez, Fernando Pessoa parece tentar validar o

⁴As citações referentes ao Livro do Desassossego seguirão, ao longo desta pesquisa, abreviadas à maneira referida pelo poeta Fernando Pessoa quando assinava e datava os fragmentos relativos à obra.

desassossego de sentir-se desamparado dos afetos maternos: “mas às vezes sou diferente, e tenho lágrimas, lágrimas das quentes dos que não tem e nem tiveram mãe; e meus olhos que ardem dessas lágrimas mortas ardem dentro do meu coração” (L. do D., p. 62).

Para Rocha (2008), em seu livro *Freud: novas aproximações*, “a essência do desamparo é o sentimento de incapacidade, constituído pela impossibilidade de o sujeito poder descobrir sozinho, uma saída para a situação em que se encontra” (p. 128, 129).

Tomando como base o conceito freudiano de desamparo, é possível dizer que Fernando Pessoa, diante das históricas perdas da sua infância, encontrou-se submergido nesta experiência, contudo, foi incapaz de dominar as inquietações relativas a este estado, que acabaram por ser geradoras do sentimento nomeado posteriormente na linguagem literária por desassossego. Sigmund Freud liga a origem da experiência de desamparo ao estado de prematuração do ser humano onde este expressa uma demanda de ser amado e protegido, que nunca mais o abandonará.

Então, nos moldes da vivência relatada por Fernando Pessoa, podemos considerar o que ele nomeou por desassossego em sua obra como uma espécie de repetição de uma situação de angústia, ou ainda, uma revivência de resposta a um estado de desamparo anterior. O estado de desassossego, que teve como efeito psíquico buscar elaborar perdas afetuosas da infância de Pessoa, deu-lhe a possibilidade de criar outra dimensão (outra cena) dele mesmo, idealizada, a nível inconsciente, nos seus personagens.

O poeta relata no fragmento 193 do Livro do Desassossego a experiência de se sentir outro Pessoa (ele-mesmo): “de tanto recompor-me destruí-me. De tanto pensar-me, sou já meus pensamentos mas não eu” (L. do D., p. 204). Esta capacidade múltipla do mesmo Fernando Pessoa revelou-se, talvez, como um modo subjetivo de lidar com o sentimento de desamparo tal e qual referido no conceito psicanalítico.

Aprofundando um pouco mais tal relação, Antunes (2015, p. 115) cita que, teorizando, por volta do ano de 1914, sobre as “leis básicas da arte”, Fernando Pessoa escreveu: “a sinceridade é o grande obstáculo que o artista tem a vencer. Só uma longa disciplina, uma aprendizagem de não sentir senão literalmente as coisas pode levar o espírito a essa culminância”. Para Fernando Pessoa, “a literatura é a maneira mais agradável de ignorar a vida (...) essa simula a vida” (L. do D., p. 140). Simular a vida e dissimular o desamparo, então, parecem ser o segredo mais íntimo de Fernando Pessoa e, com isso, revela a maneira fugidia e singular de fazer arte do poeta; mesmo que para isso tenha que vencer o obstáculo da sinceridade.

O pesquisador português Zenith (2014, p. 09), organizador da edição do Livro do Desassossego utilizado nesta pesquisa, refere que Fernando Pessoa, ao longo de sua vasta obra, dividiu-se em dezenas de personagens que se contradiziam uns aos outros, e mesmo a si próprios. *O Livro do Desassossego*, composto pelo semiheterônimo⁵ Bernardo

⁵Em uma carta datada de 13/01/1935, endereçada ao amigo Adolfo Casais Monteiro, Fernando Pessoa diz que não podia considerar Bernardo Soares um semiheterônimo autônomo. E o definiu assim: “é um semiheterônimo, porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferentemente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afetividade” (ZENITH, 2014, p. 518).

Soares, seguiu este traço inconsistente e hesitante do seu criador, e foi também um multiplicar-se constante, sendo “muitos livros”, atribuído a “vários autores”, todos eles incertos e vacilantes. O mesmo autor ainda nos diz que muitas das reflexões estéticas e existenciais que compõem este livro fariam parte da autobiografia de Fernando Pessoa, se este tivesse escrito uma. Esta obra foi a íntima experiência e tênue realidade de Pessoa. Este livro caos, de desassossego, foi o seu “testemunho lucidíssimo”, a sua “autobiografia sem fatos”, como relatou Bernardo Soares.

Antunes (2015), em uma conferência particular, disse-nos que Fernando Pessoa (ele mesmo) sempre se apresentou como sendo um “fantástico vazio”, um “oco” ou “buraco existencial”, um sujeito faltante, que se “derramou” nos muitos personagens que compuseram a sua obra literária. Os três heterônimos (Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos), o único semiheterônimo (Bernardo Soares), e os mais de 70 personagens (conhecidos) possibilitaram ao Poeta – através do recurso literário – vivenciar uma espécie de despersonalização ideal, pois, como referiu o autor acima citado: “toda a forma de arte, já é em si mesma uma idealização”. Este desdobramento ideal, motivado por um apelo interior, funcionou como mecanismo psíquico para evidenciar o desassossego como efeito do estado de desamparo, ou da sua condição de sujeito existencialmente desamparado.

O desamparo pode ser compreendido como uma experiência estruturante da subjetividade psíquica do ser humano, de acordo com Rocha (2008). Contudo, nesta pesquisa não temos como objetivo desmistificar ou caracterizar o tipo de estrutura clínica (neurose, psicose, perversão) possível na constituição subjetiva do homem Fernando Pessoa. O desamparo, no entanto, é uma experiência estruturante, ainda de acordo com o mesmo autor, pois “marca o homem naquilo que o singulariza como sujeito” (op. cit., p. 128).

O sentimento de desamparo, ou a experiência de estar existencialmente desamparado, na dinâmica psíquica de Fernando Pessoa, mobilizou-o à criação, uma possível organização subjetiva. Deste modo, as vivências do sujeito Pessoa (ele mesmo) tocaram no mais profundo da sua existência humana, possibilitando-lhe, a partir da criação múltipla de seus personagens, um ajustamento criativo, como tentativa de atenuar o sentimento de desassossego como efeito da experiência do desamparo.

Esta experiência nos revela uma estranheza íntima e inquietante de nós mesmos. O desamparo, então, parece ser uma experiência que nos convida a integrar o que há de mais íntimo e estranho em nós. Essa estranheza inquietante foi relatada por Fernando Pessoa no fragmento 213: “meu Deus, meu Deus, a quem assisto? Quantos sou? Quem é eu? O que é este intervalo que há entre mim e mim? (L. do D., p. 221).

Rocha (2008) refere que “o desamparo não é um conceito qualquer, nem se esgota na dimensão de um puro e simples sentimento” (p. 126). Ainda para o mesmo autor, o desamparo é um “grito de ajuda” guiado na direção do outro. Contudo, quando esse grito não faz eco, o desamparo “torna-se desespero” ou, torna-se desassossego, como referiu Pessoa em sua íntima experiência literária: “busco – não encontro. Quero, e não posso” (L. do D., p. 225). No confronto com o estado de desamparo, o sujeito passa a entrar em contato

com a sua dimensão mais íntima e estranha, e, nesta completa solidão, enxerga a finitude e incerteza de sua existência, ou seja, esbarra na sua dimensão faltante.

Com a vivência desassossegente das perdas afetivas da infância, no turbilhão do seu estado de desamparo, Fernando Pessoa através da capacidade de multiplicar-se, conseguiu: “dar a cada emoção uma personalidade, a cada estado de alma uma alma” (L. do D., p. 59). Pode-se compreender que esta capacidade múltipla, característica da maneira de fazer arte do poeta, possibilitou-lhe um ajuste estrutural, através do recurso literário, para elaborar, nos fragmentos do *Livro do Desassossego*, as ausências que se presentificaram em sua vida diante da constatação do desamparo.

Antunes (2015, p. 61) refere que para Fernando Pessoa “o poeta, para ser autêntico, tem que ser dotado de verdadeira capacidade de despersonalização”. É através deste traço plural que podemos observar, em várias passagens do Livro do Desassossego, onde o Poeta, utilizando-se do recurso literário do semiheterônimo Bernardo Soares, relata a existência de um outro Pessoa, revelando-nos, com isso, uma “outra cena”, ou seja, a “dimensão inconsciente” e desassossegente, detentora de suas próprias regras:

Tudo se me evapora. A minha vida inteira, as minhas recordações, a minha imaginação e o que contém, a minha personalidade, tudo se me evapora. Continuamente sinto que fui outro, que senti outro, que pensei outro. Aquilo a que assisto é um espetáculo com outro cenário. E aquilo a que assisto sou eu (L. do D., p. 220).

Rocha (2008) nos diz que é possível aproximarmos a experiência do desamparo com o inconsciente na compreensão da psicanálise. De que maneira? Pelo fato de existir uma dimensão nossa, inconsciente, que nos provoca estranheza, pela “presença” de um outro que nos conduz mais do que o conduzimos, por ser esse “outro” que é revelador de uma dimensão inquietante e aterrorizante – o estranho e imprevisível –, o sujeito diante desta condição depara-se com o seu “estado de desamparo”. Fernando Pessoa, no fragmento 213 do *Livro do Desassossego*, nos fala desse “outro” sujeito, estranho, imprevisível e atemporal, ele-mesmo, que parece “atropelar” a sua escrita (formações do inconsciente), e que ele o “desreconhece”:

Encontro às vezes, na confusão vulgar das minhas gavetas literárias, papéis escritos por mim há dez anos, há quinze anos, há mais anos talvez. E muitos deles me parecem de um estranho; desreconheço-me neles. Houve quem os escrevesse, e fui eu. Senti-os eu, mas foi como em outra vida, de que houvesse agora despertado como de um sono alheio (L. do D., p. 221).

Esta dimensão relatada no fragmento literário acima citado, que parece revelar seu modo próprio de funcionamento, aproxima-se intimamente com a compreensão do inconsciente na psicanálise, pois, este é atemporal e segue uma lógica diferente da lógica consciente. No fragmento 213, Pessoa relata esta dimensão que foge à lógica consciente: “é frequente encontrar coisas escritas por mim quando ainda muito jovem – trecho dos

dezessete anos, trecho dos vinte anos” (L. do D., p. 221). E ainda, no mesmo fragmento, Pessoa se questiona sobre a atemporalidade desta dimensão: “como avancei para o que já era? Como me conheci hoje o que me desconheci ontem? E tudo se me confunde num labirinto onde, comigo, me extravio de mim” (op. cit.).

Fernando Pessoa, nos fragmentos da sua inacabada obra, parece ter sentido na pele, através de Bernardo Soares, as leis de uma instância que prevalece à consciência, quando relata no fragmento 150 que: “o disfarce irreal da consciência serve somente para me destacar aquela inconsciência que não disfarça” (L. do D., p. 167). Na tentativa de aproximar o desassossego referido por Pessoa com o inconsciente na psicanálise, tomamos a proposição de Rocha (2008) quando este autor refere que o inconsciente não é apenas o que está latente ou o escondido. Como também, não é o mesmo do excluído. O inconsciente é, sobretudo, o outro, um sistema do psiquismo inteiramente outro e diferente do sistema da consciência.

A origem da ficção de Fernando Pessoa ou a origem do Desassossego?

Segundo Perrone-Moisés (2001), no dia 08/03/1914, Fernando Pessoa “explode” com o seu trio de heterônimos (Personalidades diferentes e similares da dele mesmo): Alberto Caeiro (seu mestre bucólico), Ricardo Reis (neoclássico) e o poeta futurista Álvaro de Campos. Este evento, apenas revela-nos a hipótese de uma veracidade ilógica que o Poeta foi elaborando ao longo de sua produção literária. Os heterônimos de Fernando Pessoa, como também os muitos outros personagens, podemos supor, “nasceram” com uma característica universal para tentar dar conta de uma unidade, ele mesmo, como também, possibilitou-o uma saída para tentar elaborar a condição de estar existencialmente desamparado, possibilitando ao Poeta nomear esta experiência de desassossego.

O que se passa com Fernando Pessoa, ainda de acordo com a mesma autora, não é uma simples multiplicação do mesmo Pessoa em outros. Há um desencadeamento de uma personalidade, um “multifacetamento”, que para voltar a uma unidade seria impossível. Antunes (2015), por sua vez, refere que para Fernando Pessoa “o verdadeiro poeta não se evade ou submerge, mas simula-se. Mais, ele sente duas vezes. Sente a dor vivida e a dor comunicada. Assim, o seu fingir não é redenção, mas simulada transferência” (p. 115). “Criei-me eco e abismo, pensando. Multipliquei-me aprofundando-me” (L. do D., p. 123).

As “raízes” do estado de desamparo vivenciado por Fernando Pessoa, de acordo com as pesquisas de Antunes (2015), originaram-se com o fato da morte do pai, como também, com a “perda” da mãe, não concretamente (perda física) como perdeu o pai, mas simbolicamente, e ainda a perda da “velha casa”. A mãe de Pessoa, D. Maria Madalena Pinheiro Nogueira, casou-se com o Comandante Rosa, deixando Lisboa e seguindo com a família rumo à África do Sul. Se o menino Fernando Pessoa ocupava um lugar de privilégio junto à mãe, ele o perde definitivamente. O poeta deixa de ser o polo das

afeições de todos e perde o lugar de “o menino da sua mãe”, como D. Maria Madalena costumava o chamar. “Talvez que a saudade de não ser filho tenha grande parte na minha indiferença sentimental. Quem, em criança, me apertou contra a cara não me podia apertar contra o coração” (L. do D., p. 62).

A inserção nesse universo despersonalizante, como tentativa de encontrar uma saída que pudesse substituir simbolicamente a condição de sujeito “existencialmente desamparado” de Pessoa, de acordo com Antunes (2015), aconteceu um ano após a morte de seu pai, Joaquim de Seabra Pessoa, quando o poeta tinha apenas cinco anos e um mês de idade. Após a morte do pai, Fernando Pessoa criou o que pode ser considerado o seu primeiro heterônimo: o “Chevalier de Pas” (o “cavaleiro do não”) – com quem o poeta trocava correspondências.

Cedo demais obtive, por uma experiência, simultânea e conjunta, da sensibilidade e da inteligência, a noção de que a vida da imaginação, por mórbida que pareça, é, contudo aquela que calha aos temperamentos como é o meu. As ficções da minha imaginação (posterior) podem cansar, mas não doem nem humilham (L. do D., p. 175).

Além do “Chevalier de Pas”, segundo Leyla Perrone-Moisés (2001), Fernando Pessoa criou, também, um personagem rival para o primeiro heterônimo. Este personagem, rival do seu “cavaleiro do não”, surgiu, pode-se apenas supor, neste momento em que também surge a figura do Comandante Rosa na vida de sua mãe? Este fato soa no mínimo curioso, no que diz respeito às vivências edípicas – no sentido psicanalítico freudiano – do menino Fernando Pessoa, na dinâmica da relação com a figura da mãe. Pessoa, então, deslocou este conflito edípico para a dimensão dos personagens como uma tentativa de simbolizar o desamparo que se estabeleceu ao “perder” o seu lugar de privilégio na relação com a mãe?

A capacidade de deslocamento e “despersonalização” parece já se revelar, desde a infância, como uma marca característica da obra literária de Fernando Pessoa. O Poeta relata a prevalência desta “veracidade insincera” no fragmento 213 do L. do D.: “aquilo a que assisto é um espetáculo com outro cenário e aquilo a que assisto sou eu”. O primeiro heterônimo e também os muitos outros personagens criados posteriormente parecem ter funcionado como uma projeção ideal do poeta, como tentativa de elaborar as ausências das suas figuras de amor; o Outro ausente, que denotou o “vazio” na vida do menino Fernando Pessoa.

Mafrá (2004) nos diz que para criar uma saída para lidar com a “falta originária”, o sujeito imerso na dimensão do simbólico (elemento do discurso que vela a falta, como também, revela-a) “forja” um objeto que pode ser um substituto metafórico para o objeto faltoso. Para a psicanálise, esse Outro não se refere a uma pessoa, mas sim a um lugar. De acordo com Mourão (2011), esse lugar, mesmo tendo sido ocupado por alguém um dia, refere-se a um “vazio”. Quando esse alguém deixa de existir nesse lugar, ele continua a existir como uma referência de sentido para o sujeito.

No Seminário 11, *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1996), Jacques Lacan diz que a relação do sujeito com o Outro se fundamenta em um processo de “hiância”, de falta. O sujeito é determinado pela linguagem, pela fala, a partir dos significantes primeiros vindos desse Outro. “O Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito” (op. cit., p. 193, 194). A partir da perspectiva do processo de “hiância”, que fundamenta a relação do sujeito com o Outro, podemos compreender que esse lugar na vida do menino Fernando Pessoa, referindo-se a um “vazio”, ou ao sentimento que ele nomeou por desassossego, foi representado a partir das ausências do pai, da mãe, e também da “velha casa”, depois que a família se mudou para a África do Sul.

Antunes (2015) ainda nos fala do curioso “silêncio absoluto” que Fernando Pessoa guardou sobre o pai. Mas, talvez, não tenha silenciado completamente. Possivelmente, era com a figura do pai, morto aos 42 anos de idade, com quem o Pessoa trocava correspondências. Contudo, na contramão do “pacto de silêncio” em relação à figura do pai, nessa obra de Pessoa, há uma nostalgia e um queixume sobre a ausência e a “perda” da mãe.

No *Livro do Desassossego*, pela boca do semiheterônimo Bernardo Soares, ao se referir à figura da mãe, Fernando Pessoa revela a condição afetiva de “lugar vazio” inerente ao Outro: “talvez que a saudade de não ser filho tenha grande parte na minha indiferença sentimental. Quem, em criança, me apertou contra a cara não me podia apertar contra o coração. Essa estava longe, num jazigo (...)” (L. do D., p. 62). Em outra passagem o poeta faz outra referência à experiência relativa ao estado de desamparo, quando nos diz: “todos quantos amei me esqueceram na sombra” (L. do D., p. 215).

É de fundamental importância ressaltar como Fernando Pessoa, através de seu semiheterônimo Bernardo Soares, refere que a sua mãe “morreu” quando ele tinha um ano de idade, e ainda, que o seu pai se matou quando tinha três anos. Contudo, estas perdas referidas pelo semiheterônimo não tratam das perdas concretas da vida de Pessoa. O poeta utiliza-se do artifício do simbólico para elaborar tais perdas. Não se trata, neste caso, de perdas físicas, já que a mãe de Pessoa só faleceu quando o poeta tinha 37 anos. Trata-se de outro tipo de “morte”. Pode-se dizer que se tratou de uma “execução simbólica” (parafrazeando Antunes).

Na literatura do *Livro do Desassossego*, o poeta possivelmente relatou a inscrição de um evento primário e marcante em sua vida, revelador da condição do desamparo vivenciado na relação com as figuras paternas. “Ah, é a saudade do outro que eu poderia ter sido que me dispersa e sobressalta! Quem outro seria eu se me tivessem dado carinho do que vem desde o ventre até aos beijos na cara pequena?” (L. do D., p. 62).

O *status* de sujeito existencialmente desamparado inscrito na vida de Fernando Pessoa, como nos referimos anteriormente, desaguou livremente na linguagem literária do seu desassossego, como tentativa de elaborar as perdas do pai e do amor da mãe, quando ele deixou de ser o polo das afeições de todos, deixou de ser “o menino da sua mãe”. Pessoa perdeu a condição de “filho exclusivo” após o nascimento de outros filhos do segundo casamento da mãe.

Estes eventos nos dão subsídios, hipotéticos apenas, para navegarmos na psicodinâmica, ou na possível arrumação subjetiva, do sujeito Fernando Pessoa, diante do que na psicanálise se compreende por “falta estrutural”. Para Arlete Mourão (2011), falar desta “falta estrutural” é outra forma de se falar da “castração”, do “complexo de castração”, que foi um avanço teórico de Lacan, na teoria do Complexo de Édipo elaborado por Freud. Para Lacan, a “castração” constitui-se numa encruzilhada estrutural e determinante para a subjetividade como um todo.

No fragmento 114 do *Livro do Desassossego*, intitulado por *estética do artifício*, conseguimos observar a possibilidade sublimatória de Pessoa, como também, um possível reposicionamento subjetivo e estruturante, diante da condição de estar existencialmente desamparado:

Eu próprio não sei se este eu, que vos exponho, por estas coleantes páginas fora, realmente existe ou é apenas um conceito estético e falso que fiz de mim próprio. Sim, é assim. Vivo esteticamente em outro. Esculpi a minha vida como a uma estátua de matéria alheia a meu ser. Às vezes não me reconheço, tão exterior me pus a mim, e tão de modo puramente artístico empreguei a minha consciência de mim próprio. Quem sou por detrás desta irrealidade? Não sei. Devo ser alguém. E se não busco viver, agir, sentir, é – crede-me bem – para não perturbar as linhas feitas da minha personalidade suposta. Quero ser tal qual quis ser e não sou (L. do D., p. 138/139).

Desta maneira, mais precisamente no que diz respeito aos fatos relativos à criação dos personagens na obra literária de Fernando Pessoa, cabe pensarmos que este pluralismo pode ser compreendido como uma tentativa de elaborar o lugar um dia ocupado por um Outro, que permanecerá, conseqüentemente, “vazio”, por sempre remeter o poeta à condição faltante, reveladora do sentimento que ele nomeou de desassossego, como efeito do estado de desamparo referido pela psicanálise. O desassossego, relativo à condição de sujeito existencialmente desamparado, que desde a infância apresentou-se como irrepresentável, senão pela via da criação literária na vida de Pessoa, proporcionou-lhe buscar estratégias para tentar elaborar esta condição. No fragmento 197, o semiheterônimo Bernardo Soares parece retratar, quem sabe, uma inscrição primitiva do estado de desamparo de Fernando Pessoa:

O tempo! O passado! Aí algo, uma voz, um canto, um perfume ocasional levanta em minha alma o pano de boca das minhas recordações... Aquilo que fui e nunca mais serei! Aquilo que tive e não tornarei a ter! Os mortos! Os mortos que me amaram na minha infância. Quando os evoco, toda a alma me esfria e eu sinto-me desterrado de corações, sozinho na noite de mim próprio, chorando como um mendigo o silêncio fechado de todas as portas (L. do D., p. 207).

Como vimos anteriormente, na teoria lacaniana, para se constituir como tal, o sujeito depende do significante e, inicialmente, este se encontra primeiro no campo do Outro. A marca da despersonalização presente em toda criação literária de Pessoa foi um caminho para tentar, inutilmente, tamponar um vácuo, um “vazio” do sujeito Fernando

Pessoa (ele-mesmo) a partir do seu estado de desamparo vivenciado pela constatação da falta advinda da relação com esse “Outro”. Em contrapartida, a escrita incessante do Livro do Desassossego visava, através de seus muitos fragmentos, funcionar como uma saída para tentar “exorcizar” tal estado que o perseguia insistentemente. “Por que escrevo, se não escrevo melhor? Mas que seria de mim se não escrevesse o que consigo escrever, por inferior a mim que nisso seja?” (L. do D., p. 170).

Considerações finais

Para Antunes (2015, p. 31), Fernando Pessoa é “um grande fingidor que, na vida e na arte, sempre se evadiu para não revelar-se”. E Fernando Pessoa “concretiza” essa proposição no *Livro do Desassossego*: “nunca sabemos quando somos sinceros. Talvez nunca o sejamos. E mesmo que sejamos sinceros hoje, amanhã podemos sê-lo por coisa contrária” (L. do D., p. 220). Para alguns pesquisadores da vida e obra literária de Fernando Pessoa, esse pode ser considerado uma “quase autobiografia”. Já Fernando Pessoa se refere a esta obra como sendo uma “autobiografia de quem nunca teve vida”. O semiheterônimo Bernardo Soares foi creditado como narrador principal desta “história sem vida”, porém não foi o único. Pessoa e Soares carregavam características semelhantes no modo de pensar e, quem sabe, o ajudante de guarda-livros não seria uma impressão indelével do próprio Fernando Pessoa? Uma projeção do Fernando Pessoa para Bernardo Soares?

Cabe pensar a partir destes questionamentos que muitas das inquietações expressas no desassossego composto pelo semiheterônimo Bernardo Soares são consideradas reflexões existenciais do próprio Fernando Pessoa. Encontramos nesta obra sentimentos do poeta desvirtuados e modificados, para não parecerem dele próprio, no seu semiheterônimo. Antunes (2015, p. 115) nos diz que “a idealização não suprime o envolvimento: desvirtua-o”. Contudo, o fato mais importante nesta “díade” é que Soares não foi uma réplica de Pessoa, mas, mostrou na literatura outra face do poeta. Ou seja, um sujeito multifacetado, fragmentado, com elementos de falta, vivenciando incessantemente a experiência do estado de desamparo, assim como a compreendemos ao longo desta pesquisa na perspectiva psicanalítica.

Muitas destas inquietações, ou, para utilizar uma linguagem pessoana, muitos dos desassossegos do poeta parecem ter sido transferidos para Bernardo Soares. Seria, então, este personagem, o ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa, a forma mais íntima e lúcida encontrada por Pessoa para deixar fluir o sentimento nomeado de desassossego, como efeito psíquico da experiência do desamparo? E, por este motivo, Pessoa disse ser tão próximo ao seu semiheterônimo nesta obra?

Diante de algumas aproximações relativas a esta “produção doentia”, como o próprio Fernando Pessoa a nomeou, e o personagem a quem ele creditou o Livro do Desassossego, pode-se pensar, segundo Zenith (2014), que em Bernardo Soares, prosador que poetiza, sonhador que raciocina, místico que não crê, decadente que não goza, Pessoa inventou o

melhor autor possível, e aqui já nos cabe questionar se não o era ele mesmo despersonalizado? Este livro, a ficção de Bernardo Soares, ou a quase realidade de Fernando Pessoa, manifesta o mais íntimo do estado de desamparo relativo às experiências de afeto do poeta.

O que podemos enxergar na produção desta obra é a representação princeps do estado de desamparo como uma espécie de “vazio existencial”, ou “buraco existencial”, que teve como efeito o sentimento nomeado por desassossego na literatura de Fernando Pessoa. O desamparo existencial vivenciado pelo poeta ainda na infância pode ser compreendido como uma experiência que o possibilitou elaborar uma saída criativa para tentar simbolizar as ausências das figuras de amor em sua vida. Através da criação literária, utilizando-se metaforicamente dos substitutos simbólicos (personagens), o poeta foi buscando em sua literatura desvelar o véu de desassossego que não cessava de não se inscrever.

A partir da leitura dos fragmentos do *Livro do Desassossego* foi possível elaborar uma aproximação entre a experiência do desamparo, que revela para o sujeito uma dimensão faltante que é da ordem do irrepresentável, do impossível de ser simbolizado ou, por que não dizer, simplesmente do desassossego, como assim definiu Fernando Pessoa?

Referências

- ANTUNES, Alfredo. **Fernando Pessoa**: meditações na estrada. Recife: CCS - Gráfica e Editora, 2015.
- LACAN, Jaques. **O seminário, livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 1996. (Col. Campo Freudiano no Brasil)
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- MAFRA, Taciana de M. **A transferência**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.
- MOURÃO, Arlete. **Uma aventura no território da falta**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2011.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Fernando Pessoa**: aquém do eu, além do outro. 3. ed. São Paulo: Martins fontes, 2001.
- PESSOA, Fernando. **O livro do desassossego**. São Paulo: Cia das Letras, 2014.
- ROCHA, Zeferino. **Freud**: novas aproximações. Recife: Editora da UFPE, 2008.

Recebido em: 15.08.2016

Aprovado em: 12.09.2016

Para referenciar este texto:

NERY, Gleidson Jackson; DUBEUX, Tereza Maria; MELLO, Joaquim Cesário de. Vivência do desassossego em Fernando Pessoa e a experiência do desamparo na Psicanálise: uma aproximação. *Lumen*, Recife, v. 25, n. 2, p. 67-77, jul./dez. 2016.